



ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

VITÓRIA

DUMA CAMPANHA NACIONAL E INTERNACIONAL:

MANUEL GUEDES

foi posto em liberdade!

Libertemos agora José Vitoriano!



O 1.º DE MAIO FOI UMA JORNADA DE LUTA E DE FESTA DOS TRABALHADORES PORTUGUESES

AVANTE POR NOVAS LUTAS E VITÓRIAS SOBRE O FASCISMO!

Em seguimento das magníficas jornadas do 1.º de Maio dos últimos 5 anos, a classe operária e demais trabalhadores comemoraram com luta e festas o 1.º de Maio de 1965.

O apelo do Partido Comunista Português, divulgado por várias centenas de milhar de manifestos e tarjetas e pela vibrante voz da Rádio Portugal Livre, muitos milhares de trabalhadores em diversas regiões do País faltaram ao trabalho, reivindicaram, reuniram-se em grupos, em festas e piqueniques, manifestaram-se nas ruas. Do simples foguete à manifestação, da tarjeta ao piquenique,

da inscrição de parede à concentração na empresa e a muitas outras formas de luta o proletariado português tornou o 1.º de Maio numa nova e poderosa manifestação de luta contra o fascismo, de solidariedade operária, de exemplar unidade de combate frente ao inimigo de classe e do povo português.

O aumento da repressão não impediu que os trabalhadores comemorassem condignamente o seu dia. Em vários lados as massas não se deixaram surpreender e muito menos esmagar pela presença das forças repressivas, tendo modificado as horas das suas

acções e o seu tipo, surpreendendo-as finalmente as próprias polícias e erguendo vitoriosamente os vivas à liberdade, à paz e à democracia, lançando às faces odiosas dos carrascos o seu protesto contra as prisões, as torturas, a guerra colonial, os baixos salários, o aumento do custo de vida, etc..

O 1.º de Maio foi vivido em alguns lados mesmo antes desse dia, noutros se prolongou pelo mês fora. Ao lado dos operários viram-se estudantes, intelectuais e militares. O espírito de luta do 1.º de Maio deve manter-se. A luta processa-se dia a dia e deve au-

mentar de volume. Há que generalizar as lutas dum seccção a toda a fábrica, dum fábrica às outras, dum terra a toda a região. As palavras de ordem do 1.º de Maio são palavras de ordem para todos os dias, são bandeiras do combate anti-fascista, da luta contra a exploração e a miséria, contra a guerra, o luto e a fome. Avante por novas lutas. Avante por PAZ E TRABALHO! ABAIXO A VIDA CARA! ABAIXO A GUERRA COLONIAL! ABAIXO A REPRESSÃO FASCISTA! AMNISTIA! LIBERDADE E DEMOCRACIA! FORA COM O FASCISMO!

Embora estejamos ainda sem informações da maior parte do País, devido ao silêncio da imprensa e da rádio portuguesa, devido às barragens e «stops» feitos nas estradas, à perseguição dos democratas, às prisões sofridas, etc., não queremos deixar de salientar desde já algumas das acções do proletariado na jornada do 1.º de Maio de 1965, saudando desta forma os valentes homens, mulheres e jovens que as tornaram possíveis e com elas deram novos passos no caminho das lutas maiores que hão-de levantar todo o povo, derrubar o fascismo e instaurar a democracia em Portugal.

Homens, mulheres, soldados e marinheiros, muitos jovens trabalhadores e estudantes ENCHERAM LISBOA DE VIVAS E MORRAS!

Desde o início da tarde do 1.º de Maio que a Baixa e imediações se cobre de polícias fardados e à paisana, de guardas da GNR, de carros da PSP, de jeeps militares com soldados armados de metralhadoras, de polícia militar, de polícia de choque, de agentes da PIDE e da Legião, do carro da água. Em frente do Teatro Nacional uma central transmissora está em comunicação constante com enormes forças repressivas estacionadas e preparadas noutros locais de Lisboa.

Às 18 horas já mais de 10.000 pessoas encheram o Rossio, os Restauradores, a Rua Barros Queiroz, o elevador de Santa Justa, o Largo de S. Domingos. Agentes da PIDE que se identificam mandam circular, histéricamente, chamando arruaceiros e vadios a quem passa, dizendo que todos deviam ser abatidos por estarem ali ao chamamento do Partido. Um carro da PSP com altifalante berra: «É favor circular!» O povo desloca-se em ondas do Rossio para os Restauradores e daqui para ali.

Às 18,20 horas de um prédio em pelo Rossio ouve-se uma gravação que apela os trabalhadores a lutar contra os salários de fome e a carestia da vida, contra as guerras coloniais e o regresso dos soldados, contra o imperialismo e as bases militares estrangeiras, contra o terror e a opressão, pela paz e pelo pão, pela liberdade e democracia, pela amnistia. E antes de terminar com o hino nacional apela as praças da GNR e da PSP a não prender os manifestantes.

O entusiasmo aumenta. Os que se vão embora da Baixa depois de terem manifestado com a sua presença a sua determinação de lutar contra o fascismo, são substituídos por novos milhares de manifestantes. Das 19 às 20 horas rebentaram morteiros e ouvem-se os primeiros gritos e vivas, ainda isolados. E às 20 horas um grupo de cerca de 80 jovens rompe com a Portuguesa seguida de vivas e morras que a multidão acompanha.

(continua na 2.ª pág.)

Homenagem aos que caíram na luta, Greve, piquenique, manifestação DO HERÓICO POVO DE ALPIARÇA!

O 1.º de Maio em Alpiarça começou como manda o relógio às 0 horas. Da meia-noite às 5 da manhã os foguetes e morteiros sucederam-se, preparando o povo para a comemoração do dia dos trabalhadores.

De manhã verificou-se que nem os operários agrícolas nem os operários da construção civil tinham ido ao trabalho. A greve mais uma vez estalara em Alpiarça! Depois foi a romagem saudosa à campa da nossa camarada Maria Albertina, flores por toda a parte, um discurso vibrante e um silêncio de profundo recolhimento em homenagem aos que caíram na luta.

Mas o 1.º de Maio não é só dia de luta — é dia de festa. E o povo de Alpiarça foi fazê-la, num piquenique à beira do rio, onde cantou, dançou, se divertiu e não esqueceu de dar vivas à liberdade e morras a Salazar e ao fascismo.

Finalmente, ao fim do dia, levantaram o piquenique e entraram na vila, em cortejo poderoso, mulheres à frente, gritando a palavra de ordem do dia. Estrada b'oqueada, rua Direita cheia de povo, o cortejo foi aplaudido, engrossado, e a GNR nada mais pode fazer do que seguir atrás, vencida, como quem vai atrás do funeral da repressão dominada pelo povo.

Noite fora ainda o povo de Alpiarça comemorava em alegria o 1.º de Maio de 1965, marco importante da heróica luta que ano após ano, mês após mês, dia após dia, vem travando contra o fascismo com greves por aumento de jornas e salários, manifestações comemorativas, concentrações e manifestações contra a repressão, contra os crimes do fascismo e pela amnistia, manifestações diversas nas lutas «eleitorais», etc.

Alpiarça parte para novas lutas, fortalecida com o êxito do 1.º de Maio. Mesmo que a PIDE ainda invista, a luta não abrandará. Pelo contrário: como noutras ocasiões ela ganhará alento logo a partir

(continua na 2.ª pág.)

A MANIFESTAÇÃO DE LISBOA

(continuação da 1.ª pág.)

Como feras, pistolas em punho, metralhadoras contra os peitos dos manifestantes, as forças repressivas atacam. A manifestação cresce do Rossio direita aos Restauradores. Ouven-se as palavras de ordem do Partido. Os carros da policia irrompem avenida abaixo contra a manifestação, cortando-a ao meio, e agredem barbaramente. Gente com a cabeça partida foge pelas ruas laterais. Dão-se prisões. Mas a Baixa continua repleta e os vivos saltados por homens e mulheres, jovens trabalhadores e estudantes, soldados e marinheiros só se extinguem já passa das 21 horas.

O povo de Lisboa, proletariado à cabeça, tinha sido mais uma vez digno das suas tradições. Nas ruas da Baixa os manifestantes de Lisboa, Amadora, linha de Cascais, linha de Sintra e até da margem Sul davam-se de novo as mãos, em seguida às valentes lutas que tinham já travado e estão travando nas empresas, nas fábricas, nas escolas, nos quartéis. Essas lutas, que encheram o mês de Abril e mesmo os anteriores (o «Avan-

te!» de Abril é prova eloquente!) prenunciavam a bela jornada de Lisboa, mas eram já em si poderosíssimas acções operárias. Hoje não referiremos senão a firme luta dos operários da Carris, mas saudamos daqui todos os combatentes dessas acções e da manifestação de Lisboa.

A luta continua! animados com a magnífica lição de coragem e de luta que deram no Rossio, os trabalhadores voltaram mais firmes aos seus locais de trabalho e saberão encontrar as formas mais adequadas ao prosseguimento da luta, sejam pequenas ou grandes paralisações, «ceras» ou greve, idas de todos à gerência e ao sindicato. Unidos e firmes como estivestes na Baixa alcançareis nas empresas novas conquistas na luta por melhores salários e pelas outras reivindicações mais sentidas.

Avante povo de Lisboa! A jornada do 1.º de Maio deve ter um prosseguimento nas vossas acções de todos os dias pelo pão, pela paz, pela liberdade, contra a repressão e a vida cara! Avante trabalhadores de Lisboa e arredores! A tentai no magnífico exemplo de luta da

Carris de Lisboa

2 mil operários em 3 dias seguidos concentraram-se na gerência exigindo AUMENTO GERAL DE SALÁRIOS

O aumento dos salários que os operários da Carris vêm a reclamar há tanto tempo e que na Assembleia geral do dia 26 de Fevereiro para a aprovação do relatório e contas do Sindicato tão vivamente discutido foi, era desde então o assunto de todas as conversas. Em meados de Abril circularam tarjetas em todas as oficinas e estações da Carris, apelando a novas lutas pela conquista do aumento. Foi o suficiente para estimular os operários da estação de Santo Amaro que logo marcaram para o dia 20 uma concentração em Santo Amaro, frente aos escritórios. Das 13 às 20 horas cerca de 2.000 operários ali compareceram sem que qualquer administrador os recebesse. Mas não desistiram. No dia seguinte mais de 2.000 operários ali voltaram às 19 horas, demonstrando assim com a sua unidade não estar dispostos a dividirem e a enviarem delegados por secções e serviços à gerência como a Administração lhes comunicou. Os administradores tornaram a não comparecer, levantando assim a cólera dos operários que ali estiveram concentrados, gritando as suas palavras de ordem, até às 25 horas, tendo mesmo chegado, por volta das 22 horas, a pensarem invadir a administração fechada! E convocaram nova concentração para o dia 22, à qual compareceram mais ou menos os mesmos operários. Já Lisboa inteira falava da valente luta do pessoal da Carris e demonstrava das mais variadas formas o seu apoio e solidariedade.

Desta vez alguns administradores estavam lá, não para receberem os operários mas para chamarem a policia de choque da PSP e a PIDE. Os laçaios do imperialismo inglês chamavam em auxílio dos seus bolsos e das carteiras dos monopolistas os cães de guarda do fascismo e arremecavam-nos sobre a massa operária! Pela força, pela violência, a administração ficou limpa! Mas não ficou a memória dos operários que um dia ajustarão contas com os administradores sem pátria! Mas não ficou vazia da vontade de luta dos trabalhadores da Carris, que logo marcaram uma vez mais concentração para o dia 25.

Como se a repressão policial não chegasse, os exploradores ingleses ordenaram aos seus administradores que obrigassem os capatazes e chefes de serviço a comparecer em Santo Amaro para tomarem nota dos nomes e números dos trabalhadores que lá fossem, para os poderem multar e expulsar da Carris!

Os operários defenderam-se não comparecendo, mas novas lutas

O 1.º DE MAIO EM ALPIARÇA

(continuação da 1.ª pág.)

da própria luta contra a repressão, opondo-se o povo de Alpiar-

ça, como tem feito doutras vezes, às prisões, resistindo-lhes, dando fuga aos presos, etc.

Alpiarça resiste, luta e vencerá.

FOGUETES, PIQUENIQUES, GREVES E OUTRAS LUTAS

Dificuldades de informação e de espaço obstam a que demos a todas as comemorações do 1.º de Maio o mesmo relevo. Passamos por isso a resumir algumas outras notícias recebidas.

ALMEIRIM — A Câmara proibiu a venda de foguetes sem sua licença mas... os foguetes estrelajaram na vila! Almeirim resiste! — bom pronúncio para as lutas dos operários agrícolas que reivindicam salários a 7\$50 à hora. Para tal é necessário ressuscitem a Praça de Jornas!

CARTAXO — Grande agitação foi veículo para piqueniques vários. A fábrica MOLI e outras viram-se paralisadas pela greve dos operários.

ALCANENA — Muitos foguetes e ambiente de festa. A luta pelo novo contrato colectivo dos curtimes continua.

TORRES NOVAS — Greve na maioria das fábricas. Piqueniques vários foram organizados como tradicionalmente é costume pelos operários grevistas. A «colaboração» dos patrões é falsa! São os operários que impõem ao patronato o fecho das fábricas.

TOMAR — Procurando impedir as comemorações operárias os fascistas, ajudados pela Igreja,

se travarão e os exploradores ingleses da população lisboeta e dos trabalhadores dos transportes colectivos da capital hão-de ser obrigados a satisfazer a justa reivindicação dos operários. Contra a policia de choque e a intimidação da expulsão há outras formas de luta: as paralisações, a «cera», a greve, a acompanhar novas concentrações na administração e no sindicato. Unidos, firmes na sua combatividade, serão apoiados pelo povo de Lisboa, que luta também contra o aumento das tarifas dos transportes para que os capitalistas ingleses pediram autorização à Câmara de Lisboa. A Carris pode aumentar os seus operários com os milhões que tem extorquido à população de Lisboa e ao esforço físico dos trabalhadores dos transportes, não precisa de aumentar os bilhetes. Lisboa está com o pessoal da Carris contra os exploradores ingleses.

Avante, trabalhadores da Carris! Avante na conquista do aumento do salário, da revisão do contrato, de subsídios por caso de morte e de alterações justas nos escalões dos turnos! O pessoal do movimento deve juntar-se em força ao das oficinas e em conjunto, criarem comissões de unidade comuns e prepararem as acções que conduzirão à vitória!

tentaram canalizar todo o ambiente de festa reinante na cidade para cerimónias religiosas. Os operários, com ou sem São José Operário, comemoraram festivamente o dia dos trabalhadores.

CACIA — Também aqui o patronato procura dar à vontade dos operários de comemorarem o dia dos trabalhadores um cunho de harmonia de classes, oferecendo festas e almoços. Esquecem que os trabalhadores gritaram por todo o País: «O 1.º de Maio é nosso!» e que os patrões não é com papas e bolos que enganam os operários como tolos. No fim do almoço as reivindicações operárias de aumento geral dos salários, de uma cantina e clube ao serviço dos operários, e outras, continuavam tão vivas como antes.

SANTA IRIA (Baixo Ribatejo) — Os operários da Covina comemoraram o 1.º de Maio já com o aumento de salário que conquistaram. Inúmeros foguetes, e agitação. Grande agitação também em **VILA FRANCA, CASTANHEIRA, ALHANDRA, ALVERCA, PÓVOA, PORTO, VILA NOVA DE GAIA, MATOSINHOS, ALMADA, BARREIRO, SEIXAL, ALGARVE, etc., etc.**

BARREIRO — Se nem todas as secções da CUF paralisaram às 11 horas da manhã, como se previa, a verdade é que muitos operários o fizeram e em grupos. E às 18 horas o Parque encheu-se de gente. O tenente da GNR, em viatura com rádio-transmissor, bem deu voltas, ao jardim mas os trabalhadores não se amedrontaram e fizeram outro tanto, num ambiente de festa e de chacota às forças repressivas.

Com este número é publicado um suplemento contendo o comunicado do Comité Central «Sobre a situação do Movimento Comunista Internacional» e o comunicado conjunto do Partido Comunista Francês e do Partido Comunista Português.

PROJECTO DE PROGRAMA DO PCP

A edição deste Projecto saiu com algumas gralhas importantes. O «Avante!» publica uma ERRATA em separata, com as devidas correcções e no mesmo formato do Projecto, para lhe poder ser pensada.

Abaixo as «medidas de segurança!»

A CONQUISTA DAS 8 HORAS NO BOMBARRAL

Os operários agrícolas desta região lançaram-se na luta pelas 8 horas de trabalho a 5500 a hora. Como tivessem surgido uns patrões que recusavam e outros que aceitavam as 8 horas mas a 4500, centenas de assalariados agrícolas dirigiram-se à Câmara Municipal e enviaram uma comissão de seus representantes ao presidente informando-o do que se passava e deixando prever acções de protesto.

O presidente na Câmara aceitou negociar com os patrões renitentes e fez-lhes ver qual a disposição dos operários. Tendo ganho as 8 horas e 4500 por dia, os operários, em grande regozijo, procuram agora conciliar o novo horário com outras regalias por eles conquistadas há mais tempo: «fumaças», «hora de almoço», etc.

Após os operários agrícolas do Alentejo os do centro, norte e sul, aproveitam as lições desta luta e estendem-na a todo o País. A razão está do seu lado. Se lutarem unidos sairão vitoriosos.

NA UFA E NA CUF

AS MESMAS REIVINDICAÇÕES

Por aumento geral dos salários — a trabalho igual, salário igual — pagamento a todo o pessoal do 7.º dia Eis as principais reivindicações dos operários da UFA. Fala-se que serão aumentados mas em troca do despedimento do pessoal adventício, contra o que todos devem unir-se e lutar. Não é ao pessoal adventício, já tão mal pago que o patronato deve ir buscar o dinheiro para os aumentos, mas aos cofres da companhia, tão repletos de dinheiro sugado aos trabalhadores.

Avante, operários da UFA! Uni-vos aos operários da CUF e actual em comum contra o patrão comum! Reclamai um prazo para o aumento e, findo ele, entrai e fazei «cerca» como os vossos companheiros da CUF, preparai paralisações concentrações e greve, de acordo com a demagogia e violência patronais que vos pretendem recusar o que tendes direito.

Operários da CUF: Só há uma forma de pôr termo ao jogo de passa-tempo dos patrões: Generalizar a «cerca» a toda a empresa, fazer pequenas paralisações de aviso e aumentar a sua duração até chegar à greve. É preciso que o Jorge de Melo diga claramente se há ou não há aumento e, se não houver, intensificar a luta, passá-la a formas superiores, conquistá-la.

VALENTE LUTA COM GREVE

E VITÓRIA DOS OPERÁRIOS DA MABOR-DAB

Reclamava-se tenazmente o aumento dos salários nas fábricas da Mabor e DAB (associada daquela) e como ela situada em Louzuela. Os patrões prometeram primeiro para o fim do ano, mas mais não fizeram que pequenos reajustamentos derivados de novas classificações, cronometragens, etc.

Ainda por cima os operários trabalhavam ao domingo, o que motivou em Fevereiro a recusa dos operários da secção de vulcanização. Perante a firmeza deles os patrões e o gerente norte americano preferiram aumentar os salários dos operários da MABOR

(mais 4 e 5 escudos diários).

Logo os companheiros da DAB reagiram exigindo de novo aumento. Os patrões prometiam e faziam passar o tempo. Então um turno formou uma comissão de unidade, dirigiu-se à gerência. Como lhes dissessem que nada estava resolvido, a comissão comunicou a todos os operários e estes decidiram fazer greve. Quando o turno seguinte foi pegar, um piquete de greve explicou-lhes o que se passava e a greve continuou com o 2.º turno!

A greve, arma máxima dos operários contra a exploração capitalista, deu imediatos efeitos. Os operários foram aumentados em 5800 por dia.

O assassinato do General Humberto Delgado

COMUNICADO DO SECRETARIADO DO COMITÉ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

1— Apesar de não ter sido ainda oficialmente identificados os cadáveres aparecidos junto da fronteira portuguesa, parece confirmar-se que o governo fascista de Salazar e a sua polícia política, a PIDE, praticaram mais um odioso crime: o assassinato do general Humberto Delgado e de pessoa ou pessoas que o acompanhavam. Este crime que se junta a muitos outros praticados ao longo de 59 anos de tirania, mostra com evidência a natureza do regime fascista de Salazar e a criminosa cooperação das ditaduras fascistas de Portugal e de Espanha.

2— Os governos de Salazar e Franco tudo farão para ocultar as suas responsabilidades. Ao mesmo tempo que fazem um comprometedor silêncio sobre o caso, incluindo identificação dos cadáveres, afim de ganharem tempo e

concertarem explicações, tentam já, como têm feito doutras vezes, acusar os democratas portugueses dum crime que os fascistas praticaram e justificar nessa base novas provocações.

Só a luta das forças democráticas portuguesas e a opinião pública internacional poderão conseguir que as circunstâncias do crime sejam completamente esclarecidas e os seus autores castigados. Tal esclarecimento não pode ser confiado aos criminosos e seus cúmplices, ou seja, à PIDE e à polícia espanhola. Ao mesmo tempo que pressionam os governos de Salazar e de Franco para que se expliquem, as forças democráticas portuguesas e a opinião pública internacional têm de tomar nas suas mãos a tarefa de esclarecer as circunstâncias do crime e da sua preparação.

Pelo seu lado, o Partido Comu-

nista Português, no quadro da Frente Patriótica de Libertação Nacional (F.P.L.N.) de que faz parte e na sua actividade própria, não poupará esforços para que tal objectivo seja alcançado.

3— Muitos factos parecem indicar que o general Delgado foi atraído a uma armadilha cuidadosamente preparada pela PIDE através de pessoas que gozavam da confiança do general. Em diversas notícias e apreciações de pessoas que eram representantes do general Delgado em várias cidades estrangeiras existem inexactidões, omissões e contradições estranhas e suspeitas que necessitam de ser esclarecidas. A coincidência de certas acusações que alguns desses elementos, por um lado, e as autoridades e propaganda franquista e salazarista, por outro, fazem à F.P.L.N. e ao Partido Comunista Português fortalecem a ideia das responsabilidades de ordem diversa desses elementos no fim trágico do general Delgado.

Os verdadeiros amigos do general Delgado, tal como todos os democratas portugueses, estão certamente interessados no esclarecimento completo do caso, de forma a facilitar a localização e desmascaramento de agentes provocadores que, ao serviço da PIDE, possam ter colaborado na preparação da armadilha que conduziu ao crime.

4— É geralmente conhecido que existiam profundas divergências entre o Partido Comunista Português e o general Delgado, resultantes das concepções e métodos de actividade política do general, susceptíveis de conduzir o movimento anti-fascista a perigosas aventuras e a graves revesses.

É também conhecido que, fracassada a tentativa do general Delgado de impor tais concepções e métodos à F.P.L.N., o general acabou por sair desta, ficar politicamente isolado, sem qualquer ligação política em que basear-se e ligado intimamente a diversos elementos para cuja actividade suspeita tanto o Partido Comunista Português como a F.P.L.N. tinham repetidas vezes chamado a atenção do próprio general.

O assassinato do general Delgado é um exemplo trágico dos perigos que comportam e das consequências que acarretam certos métodos de actividade revolucionária de tipo aventureirista. Seria imperdoável não tirar também, neste momento, esta lição do trágico acontecimento.

5— As profundas divergências que existiam entre o Partido Comunista Português e o general Delgado não impedem que o Partido Comunista Português preste a sua homenagem ao corajoso e intrépido combatente anti-salazarista caído na luta pela libertar Portugal da tirania fascista.

4 de Maio de 1955

O Secretariado do Comité Central do Partido Comunista Português

EM APOIO DA REIVINDICAÇÃO POPULAR APRESENTADA JÁ OFICIALMENTE POR ALGUNS DEMOCRATAS EXIJAMOS QUE O CORPO DO GENERAL VENHA PARA PORTUGAL E LHE SEJAM PRESTADAS AS HONRAS DEVIDAS!

ACÇÕES CONTRA A GUERRA COLONIAL!

Dêmos em Fevereiro a notícia da recusa dos operários da CUF a contribuir com uma hora de trabalho para a guerra colonial, segundo a iniciativa do chamado Movimento Nacional Feminino. Esta justa atitude não foi única. Sabemos agora de idênticas manifestações de recusa nas seguintes empresas: Trefilaria, Tintas, Móveis Olaio e Robialac, de Sacavém; Moagem Santa Iria, Covina e Cavan, da Póvoa de S. Iria; IDAL (Vila Franca de Xira); Lanifícios Tejo (Alenquer) Fundação de Oeiras; Tudor (Castanheira do Ribatejo); Granadeiro (Grandola), etc.

Na Mármoreos Portuguesa (Pero Pinheiro), o patronato descontou abusivamente a hora. Indignados, os operários exigiram a restituição do seu dinheiro. Como os patrões dissessem que já não o podiam fazer naquele sábado, os operários, na 2.ª feira, concentraram-se todos no escritório e obtiveram com a sua unidade e firmeza a devolução!

A hostilidade à guerra também se regista em camadas do funcionalismo. Nos hospitais Miguel Bombarda e S. António dos Capuchos (Lisboa), quase ninguém contribuiu. Na Caixa Geral dos Depósitos, empregados de várias secções recusaram também a sua contribuição.

Esta firme e esclarecida atitude de milhares de trabalhadores é mais uma prova da insofismável hostilidade à guerra colonial e é clara indicação da possibilidade de desencadear as mais variadas acções contra a guerra, o embarque de novos contingentes e pelo regresso dos soldados.

Em Abril o «Avante!» noticiou a manifestação anti-fascista em que durante horas o povo de Baleizão responsabilizou a política de guerra colonial do fascismo pela morte de um dos seus filhos na Guiné.

«Abaixo o governo de criminosos!», foi o grito que se elevou em Baleizão e deve ecoar por todo o País em novas manifestações contra a guerra!

Nem um tostão para guerra!

Abaixo as guerras coloniais!

O exemplo desta vitória frutificou. As demais secções da MABOR entraram em luta. Na secção de engenharia os operários concentraram-se na gerência e ameaçaram de recorrer à greve se não fossem aumentados. Novas promessas para depois da Assembleia dos accionistas, mas estes o que resolveram foi investir cerca de 100 mil contos numa nova fábrica e nada disseram sobre os salários, o que fez aumentar o descontentamento e a disposição de luta. A administração bem faz reuniões com os superiores, bem promete aumentar os prémios de produção e acabar com o trabalho aos domingos. Mas a disposição de luta mantém-se. Só a concessão do aumento pode satisfazer os operários.

Avante, operários da MABOR! A vossa determinação e unidade levar-vos-á à vitória! O exemplo do pessoal da DAB deve ser o vosso farol. Comissão de unidade à cabeça, prossegui a luta, concentraí-vos com ela na gerência, fazei pequenas paralisações, tornai-as cada vez mais longas em aviso ao patronato e finalmente recorrei à greve! Onde há unidade, firmeza e espírito de luta a greve está ao alcance e é a arma mais poderosa para a vitória. Que o digam os vossos companheiros da DABI Segui-lhes o exemplo e a vitória será vossa!

LIBERDADE PARA JOSÉ VITORIANO!



FORA COM OS AMERICANOS DA REPÚBLICA DOMINICANA

Tal como havia feito na Guatemala, na Coreia, no Viet-Nam, no Congo, no Panamá, tal como havia pretendido fazer em Cuba, o governo americano, continuando a arrogar-se o vergonhoso papel de gendarme internacional, fez desembarcar milhares de paraquedistas e de fuzileiros navais na República Dominicana, para impedir que o povo deste país tomasse conta dos seus destinos e seguisse o caminho da democracia, da liberdade e do progresso. A revolução estava vitoriosa. O governo reacçãoário, odiado pelo povo, havia-se rendido. Resolveu então o governo americano que os súbditos estrangeiros corriam perigo e, a pretexto de defender as suas vidas, ordenou o desembarque. Foi depois que ocorreram muitas centenas de mortos.

Há muito que o imperialismo americano está desmascarado internacionalmente como inimigo da democracia. Para poder explorar sem peias os outros povos, convém-lhe a existência de governos de traidores, seus lacaios, que actuem como seus capatazes ou encarregados dos seus negócios, defensores dos seus interesses.

O imperialismo ocorreu em socorro dos ditadores da Junta Militar, tal como em 1926 ocorreu para impor ao povo de S. Domingos o ditador Trujillo, o qual, até à sublevação popular que o liquidou 50 anos depois, havia de ma-

tar para cima de 2 milhões de pessoas.

Depois da apressada e descarada intervenção armada nos assuntos internos do povo dominicano pretendeu legalizá-la através da Organização dos Estados Americanos, dominada por si. Mas, mesmo assim, só obteve ali uma votação favorável com os votos dos próprios ditadores de S. Domingos.

O povo dominicano deve resolver por si os seus problemas.

Fora com os americanos da República Dominicana!

RECORDEMOS O FIM DA GUERRA DEFENDENDO A PAZ!

Há 20 anos a Alemanha rendia-se incondicionalmente! Esta vez vencida a besta que durante anos espalhará o terror e a morte pelo mundo, de braço dado com o fascismo italiano e o imperialismo japonês. Morreram milhões de pessoas; cidades sem conta arrasadas; campos improdutivos; inúmeras fábricas destruídas! Babi Yar, Varsóvia, Minsk, Leninegrado, Oradour, Lidice, Stalingrado, Coventry, Roterdão, são

cidades e vilas mártires jamais esquecidas! Mauthausen, Buchenwald, Aushwitz, Dachau, etc., são nomes de campos de concentração onde morreram 6 milhões de presos!

Os povos de todo o Mundo saudaram o final da guerra não só com alívio, mas também com a esperança de ter sido varrido para sempre a guerra e o nazi-fascismo. Também o povo português, em potentes manifestações de rua exteriorizou o mesmo pensamento, aliando a palavra de ordem de fim imediato do salazarismo.

Estas manifestações foram continuadas desde então em inúmeras lutas pela paz no mundo, pelo pde, pela democracia, pelo fim das guerras coloniais em Angola, Moçambique, Guiné e Goa.

A União Soviética foi a grande obreira da derrota do nazismo, esmagando no seu território o poderio militar alemão, libertando em colaboração com a resistência desses países os atuais países socialistas, pagando com 18 milhões de vidas a liberdade do seu povo e do Mundo! Conquistada a paz a União Soviética tem sido desde então o defensor vigilante da paz mundial, lutando contra todos os perigos de guerra, contra as armas nucleares, pelo desarmamento geral e completo!

Glória aos que morreram para que o mundo vivesse em paz!
Viva a União Soviética!
Viva a Paz! Abaixo a Guerra!

APELO DO «AVANTE!» AOS SEUS LEITORES

«Avante!» é o órgão central do Partido Comunista Português, é a voz mais autorizada do Partido no seu trabalho quotidiano, o primeiro instrumento de propagação e de agitação do Partido, de divulgação da orientação do Partido e da direcção da luta da classe operária e das massas populares.

Entretanto o «Avante!» desde há muito não corresponde à responsabilidade do seu papel. O «Avante!» não traduz com correcção a linha política e tática do Partido, acusa frequentes vacilações políticas e desvios dessa linha, não aborda muitos dos mais importantes problemas políticos nacionais, falta-lhe a continuidade dum pensamento político, deixa escapar ou não destaca muitos acontecimentos da maior importância, não valoriza devidamente as lutas de massas, não as integra na perspectiva revolucionária nem tira as suas experiências fundamentais.

Esta constatação feita em Janeiro de 1965, na reunião do Comité Central, no seguimento de outras feitas nas anteriores reuniões do CC levaram o Comité Central a declarar ser urgente fazer uma redefinição que, apesar de alguns passos positivos já dados, estava longe de ser alcançada.

Embora salientando que as dificuldades para a redacção do «Avante!» são hoje maiores do que nunca dada a situação conspirativa, a morosidade e o perigo dos contactos entre os vários sectores do aparelho clandestino do Partido e entre a Direcção e a base do Partido, as dificuldades de informações, etc., o CC entregou ao Secretariado e à Comissão Executiva o estudo das soluções orgánicas para a rápida melhoria do «Avante!», considerando que o melhoramento do «Avante!» é hoje uma tarefa de primordial importância para o desenvolvimento de toda a actividade do Partido.

Os órgãos executivos do CC deram imediato cumprimento aquela resolução. A Redacção tem vindo a esforçar-se por uma melhor integração na linha política e tática do Partido que lhe parece estar a notar-se nos últimos números. Falta-lhe percorrer ainda bastante caminho, mas falta-lhe também, que, a par da ajuda da Direcção do Partido, lhe chegue a ajuda, o estímulo e a crítica de todo o Partido, as sugestões, informações e críticas das mais diversas organizações do Partido, pois só com essa ajuda da Direcção e de todos os membros do Partido, o caminho a percorrer ficará suficientemente claro e simplificado.

Mãos à obra, camaradas! Escravam-nos, enviem-nos as vossas críticas e a vossa colaboração. Tomai a iniciativa de abrir inquéritos nos locais de trabalho e nos vossos círculos de relações, de fazer entrevistas e reportagens, de nos enviar pequenas notícias, de vos transformar em correspondentes regulares do «Avante!» nas fábricas, nas aldeias, nos quarteis, nas escolas, nos portos, e até mesmo de criar redacções de «Amigos do Avante!» que nos enviem fundos. Só assim o «Avante!» poderá melhorar e não só levar a voz do Partido às massas, como reflectir vivamente os seus problemas essenciais.

A VERDADE SOBRE BIEN HOA

Os imperialistas americanos afirmam que os desastres militares que sofrem no Sul do Viet-Nam são resultado de infiltrações comunistas do norte do país. Sob esse pretexto bombardeiam o território pacífico da República Democrática do Viet-Nam. Qual é porém a verdade? Vejamos, por exemplo, como se realizou o sensacional ataque à grande base aérea americana em Bien Hoa, segundo relata o jornalista Wilfred Burchett.

A 20 km de Saigão se encontra esta base americana. Os imperialistas resolveram alargá-la e para isso expulsaram 55.000 camponeses dos arrozais que se estendiam por 320 hectares. As aldeias foram incendiadas, as culturas destruídas e a nova base ergueu-se esplendorosa. Os camponeses foram habitar 100 «aldeias estratégicas» em redor da base, «protegidas» por 70 postos militares. Nem todos os camponeses porém aceitaram essa solução: umas centenas, dirigidos por um deles, de nome HUYNH MINH formaram um grupo de guerrilheiros. E no dia 31 de Outubro infiltraram-se na terra que tão bem conheciam e realizaram o golpe mais audaz contra o aeródromo: dispararam contra os bombardeiros B-57 da aviação americana, que custa um milhão e duzentos e cinquenta mil dólares cada um, destruindo dezenas deles. O êxito desta operação foi possível não porque tivessem vindo do Norte mas porque a base aérea estava rodeada de gente de HUYNH MINH, mais de 30 mil camponeses roubados pelos americanos, em cujo coração ardiam o ódio e a sede de vingança. Foi com a sua ajuda que foi possível aos guerrilheiros actuarem durante um quarto de hora e retirarem sem terem sofrido qualquer baixa!

CINEASTAS E HOMENS DE TEATRO

Contra a censura

No final do II.º Festival de Cinema de Lisboa, Fernando Lopes, Augusto França, Manuel de Azevedo, Félix Ribeiro, Lopes Ribeiro, Machado da Luz e Leitão de Barros, declararam a milhares de espectadores a quem leram a acta dos prémios, que «por unanimidade, deploravam o facto de algumas das longas metragens não terem podido ser exibidas em versão integral». Esta digna posição e as enormes salvas de palmas com que o público sublinhou aquele protesto, são exemplo e apoio que devem ser continuados, em prol do cinema e da cultura nacionais.

Pouco tempo depois a censura cometa novos atentados à cultura, obrigando a retirar de cena a peça «O Motim», de Miguel Franco, e proibindo no Porto a representação da peça de Cardoso Pires «O Render dos Heróis», em cena em Lisboa!

Os melhores valores da nossa intelectualidade e, em primeiro lugar actores, dramaturgos e encenadores assinaram uma exposição de protesto e manifestaram também a sua solidariedade à actriz Helena Félix, que viu todo o repertório da sua companhia proibido. Só mercê dessa solidariedade lhe foi possível representar «O Pomar das Cerejeiras», de Tchekov, com detestáveis cortes no texto.

Cineastas, homens de teatro, artistas! Defendamos a cultura nacional! Levantemo-nos contra a censura!

Prisões, torturas, destituições, sanções Nada verga os estudantes em luta!

«Povámos que nem as tememos, nem por elas somos impressionados» (Da carta das Associações de Estudantes ao ministro da Educação)

Os meses sucedem-se, as medidas governamentais atacam o movimento dos estudantes procurando decepá-lo com a prisão de uns dirigentes, um «inquérito» policial a outros, a destituição ainda de outros (de Ciências) e entrega da respectiva Associação a estudantes-policiais, mas a luta dos estudantes continua.

Nesta luta tem-se destacado a imprensa estudantil, fiel ao princípio que advogavam no n.º 3 do «Unidade Estudantil»: «Livre informação e livre crítica, dignidade e consciência do seu papel social são condições que julgamos indispensáveis a uma imprensa digna e progressiva». «Avante!» que partilha desse ponto de vista, saúda a imprensa estudantil. Com ela reprovamos que os jornais insiram as notas oficiais mas não

publiquem os comunicados dos estudantes, nem o seu documento «Da Universidade à Nação», em que afirmavam: «Pode a nação portuguesa estar certa de que os estudantes não amam a desordem como não admitem a violência. Se estão indignados é porque alguém os quis afrontar. Se protestam é porque assim os obrigam as forças repressivas (...) Querem os estudantes informar a nação do seu respeito por ela assim como da determinação de a servirem como homens livres».

Os estudantes podem por seu lado estar certos de que a nação os compreende, os apoia e os incita a lutar até alcançarem a vitória sobre os inimigos da Universidade que são os inimigos de todo o nosso povo.

ASSINAI O APELO DE AMNISTIA!